Imprimindo Cristo Em Nossos Alunos

Depois de um dia agitado concentrado em palestras e estudando na biblioteca, deixei minhas coisas na porta da frente de nossa casa e fui diretamente para a cozinha. Lá, cumprimentei minha esposa, Bernie, que estava ocupada preparando o jantar para a família. Alguns momentos depois, ouvimos nosso bebê de 3 anos de idade exclamar com entusiasmo na sala de estar: "Olhem! Olhem para mim!" Sem saber o que esperar, Bernie e eu rapidamente enfiamos a cabeça na sala. Lá vimos nosso filho arrastando os pés pelo chão acarpetado, calçando meus sapatos e puxando minha maleta de livros. Quando ele nos viu, abriu um amplo sorriso cheio de dentes e orgulhosamente declarou: "Olha, eu sou o papai! Eu sou o papai!"

Naquele momento fiquei paralisado de forma simples, mas profunda pelo tamanho da responsabilidade que Bernie e eu tínhamos assumido quando decidimos ter filhos. Criamos três pequenas esponjas sensoriais que estavam firmemente determinadas a imitar os seres humanos que serviam de modelos em sua vida.[1] Compreendendo essa realidade ou não naquele tempo, durante os anos de formação de nossos filhos, nós, juntamente com seus professores, fomos seus mais influentes modelos.

Pela contemplação somos transformados

A teoria da aprendizagem social, alternadamente denominada aprendizagem observacional, aprendizagem vicária ou modelagem, é historicamente associada a Albert Bandura e continua a ser uma teoria muito influente de aprendizagem e desenvolvimento.[2] A contribuição de Bandura começou há apenas meio século, mas os princípios dessa teoria são antigos. Quase 2 mil anos antes, Paulo confirmou, sob a inspiração do Espírito Santo, que, contemplando a glória de Deus, isto é, Seu caráter, seremos transformados à Sua imagem (2 Coríntios 3:18). Sem dúvida, o Espírito Santo tem muito que ver com essa transformação. Ainda assim, parece-me que o princípio de que a observação dos outros resulta em nos tornarmos semelhantes a eles, mesmo que em parte, seja um mecanismo divinamente ordenado do desenvolvimento humano. As crianças aprendem "por internalizar as atividades, hábitos, vocabulário e ideias dos membros da comunidade em que elas crescem".[3] Suas atitudes e crenças também são formadas por esse processo de modelagem. Quão importante, então, é que, como adultos com interesse no

POR KEITH J. LEAVITT

crescimento e desenvolvimento dos jovens, consideremos e monitoremos cuidadosamente a "comunidade" da qual nossos jovens participam. Obviamente, um componente crítico de cada "comunidade" da criança é a escola que ela frequenta e, dentro dos limites dessa escola, os professores com os quais interage diariamente.

Responsabilidade solene do professor cristão

Tiago escreveu em sua carta à igreja primitiva: "Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo" (Tiago 3:1, ARA).[4] Embora o contexto dessa passagem se referisse a mestres religiosos na igreja cristã que nascia, o princípio se aplica igualmente bem, creio eu, aos educadores de todos os níveis nas escolas adventistas de hoje. Precisamos refletir seriamente sobre nossa responsabilidade como professores porque nossos alunos estão buscando modelos, consciente ou inconscientemente, para auxiliá-los a descobrir quem são e o que virão a ser. É por causa do potencial de influência que os professores têm sobre seus alunos que Tiago declara que seremos julgados com maior rigor. O experiente educador adventista, George Akers, nos lembra de "nunca subestimar o impacto de um professor! Crianças são adoradoras de heróis por natureza, e a influência de professores piedosos sobre o caráter emergente desses alunos é incalculável."[5] E mesmo que o uso do termo "crianças" por Akers possa remeter apenas aos níveis mais elementares da educação, eu acredito que os jovens em idade universitária continuam a procurar modelos adultos para guiá-los em sua jornada até atingir a maturidade cristã. Embora eu já soubesse disso há muito tempo, só recentemente essa ideia se tornou clara para mim, coincidentemente durante a escrita deste artigo.

Um estudante universitário sentou-se ao meu lado após um de nossos cultos comunitários no meio da semana e indagou se poderia me fazer uma pergunta pessoal. Embora eu não tivesse a mínima ideia de para onde essa conversa nos levaria, respondi: "Claro, pode sim!"

"Quantos anos você tem?", ele perguntou. Quando eu lhe disse, ele explicou que minha resposta o deixava empolgado porque ele via que era possível alguém, como eu, apaixonar-se por Jesus e permanecer no amor por Ele ao longo dos anos (pelo menos até a idade madura de 59 anos!). Eu rapidamente expliquei que o meu "casamento" com Jesus não era perfeito e que eu não estava livre da feroz batalha espiritual à minha volta, entretanto, eu estava empenhado em edificar minha relação com Cristo em uma base diária.

Eu não conheço muito bem esse jovem. Ele nunca frequentou nenhuma das minhas aulas na universidade, assim, eu não sei o que ele viu ou ouviu para levá-lo a dizer o que disse. Mas, aparentemente, ele estava observando meu comportamento no dia a dia do *campus*, e isso causou um impacto nele.

Provavelmente, existam alguns professores em escolas adventistas que não tenham o desejo de ser modelo para os outros ou de ser vistos como exemplo daquilo que uma vida comprometida com Cristo pode ser. Eles simplesmente querem lecionar sua matéria e manter sua vida pessoal para si mesmos. Mas, quando qualquer professor, e especialmente um professor cristão, diz: "Não tenho nenhum interesse em ser modelo para meus alunos e, além disso, eu me *recuso* a assumir essa responsabilidade", soa como se eu dissesse *após* meus filhos haverem nascido: "Eu não quero ser pai e com certeza não quero assumir a responsabilidade paterna." Não adianta, é tarde demais! E para os professores em uma escola adventista "tarde demais" é o exato momento em que entram na sala de aula.

Felizmente, a maioria dos professores adventistas reconhece, como razão do seu chamado, o impacto que *podem* ter sobre a vida pessoal de seus alunos. Na verdade, quando pergunto aos calouros de Educação a razão pela qual escolheram o ensino como seu plano de carreira, a maioria deles cita o desejo de influenciar positivamente a vida dos jovens para Cristo. Quando os professores mantêm esse nobre objetivo em mente, eles cumprem as expectativas que muitos pais, a igreja e Deus colocam sobre eles, como resumido na seguinte declaração do Manual da Associação Geral: "O professor ocupa um lugar central de importância. Idealmente, o professor deve ser ao mesmo tempo um cristão adventista comprometido e um modelo exemplar da graça e competências profissionais cristãs."[6]

O professor como modelo

Servir de modelo para alunos de todas as idades é uma parte profundamente importante de nossa vocação. Não é meramente uma recomendação como "algo mais" que podemos aceitar se estivermos inclinados a isso. Ao contrário, é um componente fundamental e central do ensino.

Anos após ter estudado com um professor que provocou impacto importante em nossa vida, a maioria de nós se esquece de grande parte de seus ensinos acadêmicos, mas nos lembramos bem de sua pessoa. Cerca de 25 anos depois de frequentar suas aulas, eu me lembro pouco dos conteúdos que ela explicava na pós-graduação, mas me lembro muito bem da Sra. Henderson (este não

é seu nome real). Lembro-me de seu sorriso agradável e de sua maneira amigável de nos receber. Lembro-me de seu jeito despretensioso de ensinar; de como ela valorizava todos os alunos como indivíduos e elogiava suas contribuições nas aulas. Lembro-me da vontade que eu tinha de ensinar como ela; de ser como ela. E, acima de tudo, eu me recordo de sua humilde declaração de que um dia ela gostaria de se sentar como uma estudante em uma das minhas aulas.

Desde então, de tempos em tempos, nos dias em que acho que uma aula foi muito boa ou nos dias em que sei que tudo correu de forma terrivelmente ruim, eu me questiono: "O que será que a Sra. Henderson teria pensado se tivesse assistido à minha aula hoje?" Um quarto de século mais tarde, ela continua ajudando a me moldar como um professor cristão.

Colocados em um padrão mais elevado

Como professores, compartilhamos a responsabilidade de orientar seres humanos para o bem ou para o mal por meio de nossas ações, nossas palavras e nossa apresentação pessoal.[7] É por isso que "nós, mestres, havemos de receber maior juízo". Pessoas em posição de poder são colocadas sob um padrão mais elevado, e com razão. Querendo ou não, escolho essa responsabilidade quando me coloco à frente de minha classe em uma escola da igreja e ocupo o lugar de Jesus. E, assim, as consequências de meu ensino vão muito além de João aprender a ler ou Maria compreender como resolver equações diferenciais, por mais importantes que sejam essas realizações. No topo da lista de objetivos para a aula está a salvação eterna de cada aluno. Que tremenda responsabilidade! Como professores, precisamos refletir seriamente sobre nossa prontidão para tal tarefa. Como nos prepararemos para uma responsabilidade dessa magnitude? "O papel do professor na sala de aula é como o de um ministro de Deus no plano da redenção."[8]

Parker J. Palmer assinala esta verdade vital: "Ensinamos aquilo que somos. O ensino, como qualquer outra atividade verdadeiramente humana, emerge de dentro, para melhor ou pior. À medida que ensino, projeto a condição de minha alma sobre meus alunos, sobre a matéria que leciono e sobre minha maneira de conviver."[9] Diante disso, cada um de nós que ensinamos deveríamos refletir seriamente sobre quem somos. Qual é a condição de nossa alma? Será que existe harmonia entre o que estamos dizendo e o que estamos ensinando? Entre o que queremos que os nossos alunos se tornem e quem realmente somos?

> **"O ensino, como qualquer outra atividade verdadeiramente humana, emerge de dentro, para melhor ou pior. À medida que ensino, projeto a condição de minha alma sobre meus alunos, sobre a matéria que leciono e sobre minha maneira de conviver."**

O apóstolo Paulo, escrevendo aos crentes de Tessalônica, referiu-se à sua conduta e à de seus companheiros durante uma visita anterior à igreja, mencionando que sua conduta foi tal "para que nos tornássemos um modelo para ser imitado por vocês" (2 Tessalonicenses 3:9, NVI).[10] Fora de contexto, essa afirmação poderia facilmente parecer arrogante e inadequada. No entanto, Paulo simplesmente queria deixar bem claro aos seus leitores que não havia contradição entre seus ensinamentos e suas ações.

Professores cristãos são chamados para atuar sob esse mesmo padrão; para garantir uma harmonia entre o que ensinam aos seus alunos, o que querem que eles se tornem e o exemplo que são para eles. Somente quando revelarmos em nosso próprio caráter os princípios que procuramos ensinar é que seremos capazes de exercer uma influência permanente para o bem em nossos alunos.[11]

O sucesso que Jesus desfrutou como professor em sua classe de 12 alunos reflete esse princípio. "A mais completa ilustração dos métodos de Cristo como um professor é encontrada na formação dada aos Seus primeiros discípulos [...] Para eles, acima de todos os outros, Ele deu a vantagem de sua própria companhia. Através de uma associação pessoal, Ele *imprimiu* a Si próprio sobre esses cooperadores escolhidos."[12] Como um anel de sinete imprime sua marca sobre a cera quente, assim o Salvador imprimiu Seu caráter sobre os discípulos. Ou, como afirma Palmer, o Mestre projetou Sua alma sobre eles. Enquanto comiam juntos ou caminhavam à beira-mar; enquanto estavam assentados na encosta da montanha refletindo sobre a verdade eterna ou saíam em busca de sustento para uma família carente; adorando em uma sinagoga ou comungando em uma festa de casamento, Jesus era um exemplo para Seus discípulos, Seus alunos, de quem Ele era na intimidade de Sua alma e de quem Ele queria que eles se tornassem.

A missão do professor

Como professores cristãos de hoje, nossa missão é semelhante: imprimir a pessoa de Cristo em nossos alunos. Podemos fazer isso em sala de aula buscando formas de integrar efetivamente nossa fé ao conteúdo acadêmico de nossos ensinos. No entanto, as oportunidades podem muito facilmente acontecer no refeitório ou no parque, em viagens e até mesmo no supermercado, fora das horas escolares.

A capacidade de imprimir Cristo em nossos alunos em qualquer situação dependerá da condição mais íntima de nosso ser e de quão próximos estamos de Deus para refletir a imagem do Salvador. Paulo nos encoraja: "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave" (Efésios 5:1-2, ARA). Essa é uma ordem elevada – ser imitadores de Deus e viver uma vida de amor. Como podemos sequer começar a fazer isso? O ponto de partida, eu creio, é encontrado nesse mesmo verso: reconhecer o quanto Deus nos ama. Ele se refere a nós como "filhos *amados*". Cristo nos amou tanto que estava disposto a sacrificar sua própria vida por nós. Esta deveria ser a nossa motivação para imitá-Lo: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1 João 4:19 ARA).

A filósofa da educação adventista, Ellen G. White, explica: "Ao meditarmos nas perfeições do Salvador, havemos de desejar ser transformados por completo e renovados na imagem de Sua pureza. A alma terá fome e sede de tornar-se semelhante Àquele a quem adoramos."[13] "O amor que foi manifesto por meio da morte de Cristo suscita em correspondência um amor cheio de reconhecimento, e, em resposta à oração sincera, o crente é levado de graça em graça, de glória em glória, até que, contemplando a Cristo, é transformado à mesma imagem."[14] Como exemplo desse poder transformador, White descreve o discípulo amado, João, da seguinte forma: "Em adoração e amor contemplou ele o Salvador, até seu caráter refletir o caráter de seu Mestre."[15] Que bela ilustração do poder do exemplo!

Pela contemplação somos transformados

Você deseja refletir Cristo em seu caráter assim como João e seus companheiros refletiram? Você deseja imprimir Jesus nos jovens para os quais você ensina? Como você pode fazer isso? *Contemple o Salvador e você será transformado*. Para isso, dois fatores são importantes: a quantidade de tempo que passamos nessa contemplação e a *qualidade* desse tempo. De João é dito que ele contemplou o Salvador *até* a mudança acontecer. Não nos é dito quanto tempo demorou, mas João continuou a contemplar Jesus até ser transformado. Se sentimos que nosso caráter não foi completamente mudado, talvez não tenhamos passado tempo suficiente observando o caráter amorável de Cristo.

Ellen White sugere que "bom seria passar cada dia uma hora de reflexão recapitulando a vida de Jesus da manjedoura ao Calvário. Devemos tomá-la ponto por ponto, deixando que a imaginação se apodere vividamente de cada cena, em particular das cenas finais de Sua vida terrestre."[16] O que você acha que aconteceria se contemplássemos o Salvador por *uma hora* a cada dia, permitindo-Lhe imprimir Seu perfeito caráter em nós? Com base na pesquisa de Bandura e em outros teóricos da aprendizagem social e no testemunho da Escritura, acredito que iríamos começar a refletir o caráter de nosso Mestre. Então, à medida que refletíssemos a beleza de Cristo para nossos alunos, eles também seriam transformados. "Este é o segredo do poder sobre seus discípulos. Reflita-O."[17]

Keith J. Leavitt, MA, *é atualmente professor associado da Faculdade de Educação na Canadian University College, em Lacombe, Alberta, Canadá. Nos últimos 38 anos, incluindo os nove anos que passou no Paquistão, ele atuou em várias áreas administrativas e de ensino no sistema educacional adventista, do Ensino Primário ao Superior no mundo inteiro.*

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. WINERMAN, Lea. The Mind's Mirror. *Monitor on Psychology*, v. 36, n. 9, p. 48, 49, jun. 2005.

2. CHERRY, Kendra. *Social Learning Theory*: An Overview of Bandura's Social Learning Theory. Disponível em: <http://psychology.about.com/od/developmentalpsychology/a/sociallearning.htm>. Acesso em: 11 maio 2010.

3. VOSNIADOU, Stella. *How Children Learn*. Disponível em: <http://www.ibe.unesco.org/publications/EducationalPracticesSeriesPdf/prac07e.pdf, p. 9>. Acesso em: 11 maio 2010.

4. Os versos bíblicos creditados à ARA são citados da Bíblia Sagrada, edição Almeida Revista e Atualizada.

5. AKERS, G. H. All Thy Children Shall Be Taught of the Lord... *The Journal of Adventist Education*, v. 57, n. 5, p. 9, 1995.

6. MANUAL da Associação Geral. *Seventh-day Adventist Philosophy of Education, Policy FE05, FE10*. 2003. p. 20. Disponível em: <http://circle.adventist.org/download/PhilStat2003.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2010.

7. WHITE, Ellen G. *True Education*. Nampa: Pacific Press Publ. Assn., 2000. p. 174.

8. MANUAL da Associação Geral. *Seventh-day Adventist Philosophy of Education, Policy FE05, FE10, op. cit.*

9. PALMER, Parker J. *The Courage to Teach*: Exploring the Inner Landscape of a Teacher's Life. San Francisco: Jossey-Bass, 1998. p. 2.

10. Os versos bíblicos creditados à NVI são citados da Bíblia Sagrada, versão Nova Versão Internacional.

11. WHITE, Ellen G. *True Education, op. cit.*, p. 171, 172.

12. *Ibid.*, p. 52. Itálicos acrescentados.

13. WHITE, Ellen G. *Caminho a Cristo*. p. 89. Disponível em: <https://egwwritings.org>. Acesso em: 15 set. 2014.

14. _____. *Filhos e filhas de Deus*. p. 124. Disponível em: <https://egwwritings.org>. Acesso em: 15 set. 2014.

15. _____. *True Education, op. cit.*, p. 54.

16. _____. *Maranata! O Senhor vem*. p. 78. Disponível em: <https://egwwritings.org>. Acesso em: 15 set. 2014.

17. _____. *Educação*. p. 282. Disponível em: <https://egwwritings.org>. Acesso em: 15 set. 2014.